

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

## Trabalho 3129 - 1/3

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO CEGO: O ELO COM A  
COMUNICAÇÃO\*Rebouças, Cristiana Brasil de Almeida<sup>1</sup>  
Pagliuca, Lorita Marlena Freitag<sup>2</sup>

INTRODUÇÃO: Desde o nascimento, o ser humano é capaz de se comunicar. A comunicação verbal é plenamente voluntária enquanto o comportamento não-verbal pode ser uma reação involuntária ou um ato comunicativo não propositado. Como este processo é composto por formas verbais e não-verbais, optou-se por aprofundar o estudo da comunicação não-verbal, já que ela envolve as manifestações de comportamento não pronunciadas por palavras. Se a comunicação é tão indispensável para as pessoas em sua vida cotidiana, torna-se, da mesma forma, fundamental na vida e no cuidado dos cegos. O enfermeiro deverá estar atento e considerar que a capacidade de ouvir e compreender o paciente não inclui somente a fala, mas também suas expressões faciais e corporais para evitar bloqueios e interrupções nesse sentido. Existem situações nas quais a comunicação enfermeiro-paciente pode ser prejudicada por fatores inerentes ao paciente, tais como a impossibilidade de falar, compreender ou ouvir. Trata-se de situações desafiadoras, que têm sido objeto de pesquisas. Nelas o problema básico se configura na dificuldade dos profissionais de enfermagem em estabelecer comunicação efetiva com esses pacientes. Nesse contexto, os profissionais utilizam-se de formas alternativas além da verbalização, como o toque da pele e a leitura das expressões faciais e corporais (CARDOSO; RODRIGUES; BACHION, 2006).

OBJETIVO: analisar a utilização do toque durante a consulta de enfermagem a pacientes cegos. MÉTODO: estudo descritivo, do tipo quantitativo, desenvolvido no Laboratório de Comunicação em Saúde do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, no período de outubro de 2007 a junho de 2008. Compuseram a amostra 30 pacientes cegos e 30 enfermeiros, subdivididos em dois grupos, treinado e não-treinado, no que se

<sup>1\*</sup> Parte integrante de tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

<sup>†</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Pós-doutoranda em Enfermagem vinculada ao grupo de pesquisa da orientadora Lorita Marlena Freitag Pagliuca. Fortaleza-Ceará. E-mail: [cristianareboucas@yahoo.com.br](mailto:cristianareboucas@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do CNPq. Fortaleza-Ceará. E-mail: [pagliuca@ufc.br](mailto:pagliuca@ufc.br)

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza**Trabalho 3129 - 2/3**

refere à utilização da comunicação não-verbal, especificamente o toque, com pacientes cegos. Os dados foram coletados por meio de filmagens mediante o uso de três câmeras filmadoras que registraram toda a consulta de enfermagem entre enfermeira e cego. Quanto aos procedimentos analíticos, as imagens foram analisadas a cada minuto, por três juízes, enfermeiros, estudantes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFC. Tais juízes foram treinados acerca da Teoria Proxêmica de Hall (1986) que embasou referido estudo. Os juízes não eram informados acerca de qual grupo eram realizadas as análises. Os dados foram inseridos em planilha eletrônica com a utilização do programa SPSS e analisados em frequência absoluta por meio de tabelas univariadas e do teste qui-quadrado ( $X^2$ ). Antes de se iniciar o estudo, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará conforme a Resolução 196/96 e foi aprovado com o número 242/07. RESULTADOS: Foram analisadas 1.649 interações do grupo não-treinado e 1.478 do grupo treinado. Pelos resultados obtidos houve mais toque do enfermeiro com o cego no grupo treinado (63%) e no grupo não-treinado só houve algum tipo de toque (45%). No grupo não-treinado prevaleceu nenhum contato (54,9%) enquanto no treinado este item foi menor (37,1%). Percebe-se, então, que o grupo treinado utilizou mais o toque como proposto. O cego possui a função do tato bem mais aguçada que os videntes, como forma de compensar sua limitação. Ao tocar o cego, o enfermeiro deve ter em mente que, conforme o tipo de toque, a pressão exercida no local e a área a ser tocada, ele se sentirá mais ou menos respeitado no seu cuidado. CONCLUSÃO: A comunicação não-verbal por meio do toque é particularmente importante no cuidado ao paciente cego por ele apresentar, em decorrência da sua limitação sensorial, alterações visuais significativas que impedem ou reduzem sua interação com as pessoas, com o ambiente e com o mundo à sua volta. No desempenho da sua atividade profissional, os enfermeiros, como agentes promotores de cuidado, têm permissão maior para tocar as pessoas, pela necessidade de proporcionar cuidados diários ao ser humano. Diversos autores enfatizam que os enfermeiros estão em posição única para demonstrar compreensão e interesse por meio do toque. Inegavelmente, em corroboração a tais pesquisadores, o contato físico traz conforto, segurança, tranquilidade e atenção, e nesse sentido irá promover bem-estar ao outro. Desse modo,

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza**Trabalho 3129 - 3/3**

tenciona-se encorajar os enfermeiros a tocar as pessoas de forma humanizada, ou seja, com compaixão e gentileza. Enfatiza-se também que a prática do enfermeiro envolve o tocar o corpo do outro em diversas dimensões, pois para se efetivar o cuidado fazem-se necessárias a presença, a comunicação e a interação, especialmente, quando este é cego.

Descritores: relações enfermeiro-paciente; toque terapêutico; comunicação; comunicação não-verbal.

**REFERÊNCIAS:**

- 1) CARDOSO, A.H.A.; RODRIGUES, K.G., BACHION, M.M. Perception of persons with severe or profound deafness about the communication process during health care. **Rev Latino-am Enfermagem**, n.14, v.4, p.553-560, 2006.
- 2) FERNADES, M.G.M. Toque: uso pelos enfermeiros no cuidado com o idoso com alterações visuais e auditivas. **Nursing**, v.5, n. 51. p. 25-28, 2002.
- 3) GORENSTEIN, C.; ANDRADE, L.H.S.G.; ZUARDI, A.W. **Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 2000. 438p.
- 4) HALL, E.T. **A dimensão oculta**. Lisboa: Relógio D'água, 1986.